
DIA DE FINADOS: UMA HOMENAGEM AOS MORTOS NA VISITA DE SAUDADE AO CEMITÉRIO SÃO MIGUEL E ALMAS DE PORTO ALEGRE – SÉCULO XX

ALL SOULS DAY: A TRIBUTE TO THE DEAD IN VISITA DE SAUDADE TO CEMETERY SÃO MIGUEL E ALMAS OF PORTO ALEGRE - XX CENTURY

Mauro Dillmann
Doutorando em História pela UNISINOS
E-mail: maurodillmann@hotmail.com

RESUMO: O objetivo do artigo é analisar como a Irmandade São Miguel e Almas de Porto Alegre/RS organizou o Dia de Finados no seu cemitério, na primeira metade do século XX, especialmente entre as décadas de 1910 e 1950. A partir da consulta aos livros de Atas presentes no Arquivo da Irmandade, verificam-se as decisões administrativas sobre as práticas religiosas realizadas no cemitério no sentido de homenagear os mortos. O planejamento dos Finados incluía reformas e preparação do cemitério, realização de missas, bênçãos e sacralização dos túmulos e divulgação de convites nos jornais da cidade. O empenho da Irmandade em organizar os Finados no seu próprio cemitério reflete o esforço de divulgação do serviço fúnebre, mas também traduz a sensibilidade religiosa e o significado do culto aos mortos naquele contexto.

PALAVRAS CHAVE: Dia de Finados. Cemitério. São Miguel.

ABSTRACT: The objective of this paper is to analyze how the Confraternity of São Miguel e Almas of Porto Alegre/RS organized the All souls' Day in the first half of the twentieth century, especially between the 1910s and 1950s. Behind from the consultation of the books present in the Confraternity Archive, there are administrative decisions on the religious practices conducted in the cemetery in order to give a kind of honor to the dead people. The planning to All souls' Day included reforms and preparation of the cemetery, conducting prayers, blessing and consecration of graves and dissemination of invitations in the city newspapers. The effort of the Confraternity to organize the All souls' Day in their own cemetery reflects the effort to publicize the funeral service, but also reflects the sensitivity and significance of the religious cult of the dead in that context.

KEY WORDS: All souls' Day. Cemetery. São Miguel.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste texto é analisar como a Irmandade São Miguel e Almas realizou a organização, o planejamento e a preparação do seu cemitério para o Dia de Finados nas primeiras décadas do século XX em Porto Alegre/RS. Antes, porém, apresentamos a Irmandade e os seus objetivos, com destaque para o desenvolvimento de suas práticas fúnebres e cimiteriais, do

momento da fundação no século XVIII ao século XX, período de construção, inauguração e crescimento do cemitério próprio. Não perdemos de vista também o contexto de atuação da Irmandade na cidade de Porto Alegre com ênfase na importância adquirida do culto aos mortos no cemitério.

A análise aqui empreendida foi realizada com base nas fontes documentais do arquivo da própria instituição, ainda hoje em funcionamento, principalmente nos livros de atas da Irmandade, que revelam muitas peculiaridades da vida associativa, administrativa e religiosa de uma parcela da população porto-alegrense que, por sua vez, representam os modos de pensar e sentir coletivos – do grupo social que a Irmandade representava – da época analisada. Logo, na perspectiva da História Cultural, consideramos a construção de representações e auto-representações dos irmãos de São Miguel ao destacarem as homenagens prestadas aos mortos no cemitério, realizadas, não somente, mas fundamentalmente, anualmente nos meses de novembro.

Refletir sobre a organização do Dia de Finados é pensar nas medidas e cuidados dispensados às práticas religiosas, considerando que o cuidado com os mortos era a função primeira da Irmandade, sendo que cuidar da materialidade cemiterial, das reformas no cemitério para o dia 02 de novembro, representava, também, o cultivar e garantir uma *boa morte*. Como exemplos dessa organização do cemitério para a “homenagem aos mortos”, além dos concertos e melhorias visando ao “embelezamento”, a Irmandade planejou rituais no cemitério e fez publicar nos jornais da cidade convites aos irmãos e à população.

Analisar como a Irmandade organizou e se preparou, na primeira metade do século XX, para o Dia de Finados, bem como o que as determinações das mesas administrativas revelam sobre suas práticas religiosas, nos leva a compreender melhor o significado de um dia dedicado aos mortos, historicamente tão importante para a Igreja Católica e para os familiares que lembravam e removam seus mortos¹.

O culto aos mortos remonta às origens do Cristianismo, evidenciando-se, sobretudo, nos momentos de sua “clericalização” durante a Idade Média e de sua disseminação entre os leigos e confrarias nos séculos XIII e XIV (RODRIGUES, 2005, p. 41-50). Entre os séculos XV e XVIII, devido à afirmação da doutrina do Purgatório – local tido como passageiro, no qual a alma se

¹ Não há na historiografia uma informação precisa quanto ao início da prática de celebrar um dia anual aos mortos. Teria sido desde o século XI, especialmente na Abadia de Cluny, quando foi considerado de grande importância consagrar um dia especialmente para a oração aos defuntos. Instituído, segundo Jean-Claude Schmitt, por volta de 1030, a Festa dos Mortos, em 2 de novembro, era realizada logo depois da Festa de Todos os Santos, um dia anterior SCHMITT, 1999, p. 93-94. ZIERER, 2003.

purificava e eliminava seus pecados – e à manipulação da mentalidade coletiva por parte da Igreja – que incutia culpas e medos, mas, também, oferecia esperanças e alternativas de salvação² mediante orações para os vivos e sufrágios para os mortos –, o Dia de Finados se afirmou como o momento ideal para o culto, lembrança e salvação dos mortos.

A IRMANDADE E O CEMITÉRIO SÃO MIGUEL E ALMAS

A Irmandade São Miguel e Almas (ISMA) foi fundada em 1773, um ano após a fundação oficial da cidade de Porto Alegre, ocasião em que contava com menos de 1500 habitantes. Naquela pequena cidade às margens do rio Guaíba, um grupo de leigos católicos, a maioria políticos locais que ocupavam cargos na primeira Câmara Municipal de Porto Alegre, organizou a sua devoção ao Arcanjo protetor das almas do purgatório, São Miguel, logo após a fundação da Irmandade do Santíssimo Sacramento, ocupando um altar lateral na igreja matriz. O primeiro compromisso da então instituída Irmandade do Arcanjo São Miguel e Almas data de 1775 e está transcrito na íntegra no primeiro livro de atas da associação. É através deste compromisso que podemos entender a intenção dos irmãos que – bem de acordo com o pensamento religioso da época – previam louvar São Miguel com fervor e zelo para conseguir a intercessão deste a fim de livrarem-se da condenação do inferno e das penas do purgatório para usufruir da “eterna glória”.

Como um defensor da Igreja Católica e dos fieis, São Miguel conduziria as almas entre as diferentes instâncias e estágios da vida após a morte. A ele eram devotadas orações nos momentos de morte e a ele eram dedicadas diversas missas em intenção das almas pecadoras que se encontravam provisoriamente no purgatório (CAMPOS, 1998, p. 25; TAVARES, 2008, p. 160). Tido como intercessor para a salvação das almas, durante o século XVIII, São Miguel era invocado nas orações, com a finalidade de garantir uma boa morte.

No decorrer do século XIX outras questões pautaram as discussões dos irmãos de São Miguel, como o interesse em construir uma igreja própria e edificar um hospital para atender pobres, desvalidos e miseráveis. Muitas propostas eram lançadas, mas poucas de fato efetivadas, no entanto, um projeto não foi abandonado: o de conseguir seu próprio cemitério.

² Sobre a culpabilização e a salvação ver RODRIGUES 2005, p. 51-52. Sobre o Purgatório, ver LE GOFF, 1993, p. 18-19. Sobre os medos ver DELUMEAU, 2009. [1ª Ed. 1978]. Para o conceito de “mentalidade coletiva” ver BARROS, 2005.

No ano de 1850, a Santa Casa de Misericórdia ganhou da Assembleia Legislativa a atribuição de administrar um cemitério público extramuros, ficando com a incumbência de enterrar também pobres, desvalidos e escravos, num processo que vinha ocorrendo em todo o país em meados desse século (REIS, 1991; RODRIGUES, 2005; ROCHA, 2005). A ISMA, no entanto, não desistiu do intento. Doze anos após a aprovação do regimento do cemitério extramuros, em 1862, num Apêndice ao seu Compromisso, foi registrado: “a irmandade, *só ou junta a outras irmandades*, pedirá à Assembleia Provincial autorização para edificar um cemitério”³.

Para não deixar de oferecer aos seus irmãos enterros em locais privados sob a proteção de São Miguel, a Irmandade comprou um terreno dentro do espaço cemiterial da Santa Casa de Misericórdia, em 1866. Foi o provedor Joaquim Maria de Azevedo Guerra quem propôs à Santa Casa a compra de uma quadra de terreno localizada a leste do quadro então existente. O espaço cemiterial no interior do cemitério da Santa Casa era particular, mas a ISMA ainda não estava totalmente satisfeita e, portanto, não abandonou, durante o decorrer das últimas décadas do oitocentos, o projeto de possuir um cemitério próprio. Apenas no início do século XX, os irmãos conseguiram adquirir o primeiro terreno – dos muitos anexos que seriam feitos nestas primeiras décadas – e que daria lugar ao chamado “novo cemitério”.

Foi em 1907, já com um patrimônio mais solidificado, que a Irmandade discutiu e aprovou a compra de um terreno para a construção de um cemitério próprio, realizado “nas melhores condições possíveis”, importando um pouco mais de 29 contos de réis. Entre 1908 e 1909, foram feitos empréstimos e grandiosas obras no novo cemitério, que resultou na construção inicial de 48 catacumbas, número logo considerado muito “diminuto” pelos irmãos, por estarem, já em 1910, “quase todas ocupadas”.

Assim, a partir do final da primeira década do século XX, a ISMA estaria com um novo cemitério e suas atenções voltaram-se quase que exclusivamente para ele. Até a década de 1940, grandes foram os empreendimentos, o aumento e as mudanças do cemitério, que se expandiu juntamente com a modernização e o crescimento urbano e demográfico da cidade.

Essa rápida contextualização do cemitério São Miguel e Almas na cidade torna-se importante para compreender a importância que o dia dos mortos foi ganhando para os irmãos na medida em que as mudanças cemiteriais ocorriam, como veremos a seguir.

³ ISMA, Ata, 18 dezembro 1862, fl. 3-6, nosso grifo.

A IMPORTÂNCIA DO DIA DE FINADOS PARA A IRMANDADE

Para a Irmandade, o Dia de Finados sempre foi importante, pois desde seu primeiro compromisso, em 1775, anunciava, no seu sétimo artigo, a obrigação de “convocar os Reverendos sacerdotes, para que no oitavário do dia de finados de cada um ano se faça um ofício [de] aniversário pelas almas assistindo com a cera para ele necessária, e fazendo-se tudo o mais pelo amor de Deus”⁴. Veja-se que, para o contexto do século XVIII, o Dia de Finados merecia um “oitavário”, o que significava oito dias ininterruptos de orações, missas e pregações para a salvação das almas.

Chegando ao século XX, o Dia de Finados já era uma prática consolidada junto a população, e a Irmandade, com seu cemitério que desejava destaque, tratou de enfatizar essa data como um momento importante de culto aos mortos. Os finados eram momentos importantes *para os e nos* cemitérios. *Para os* cemitérios, principalmente, os privados, como São Miguel, era uma oportunidade de divulgação e apreço, por parte da população, dos serviços fúnebres prestados, já que a opinião pública tinha a chance de avaliar se Irmandade tinha a capacidade de cuidar e gerir o local dos mortos de modo apropriado. *Nos* cemitérios, pois os Dias de Finados geravam manifestações de efeitos afetivos, como destacou Catroga (2010, p. 171), se destacando, ainda, o culto aos mortos, a dimensão emotiva e religiosa, ligada à crença.

Ao longo do século XIX, a Irmandade continuou celebrando os finados, primeiro no adro e fundos da igreja Matriz; depois, a partir de 1850, no Cemitério da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia, onde arrendava túmulos; por fim, a partir de 1866, também no Cemitério da Santa Casa, mas, em espaço próprio, dentro daquele campo santo. Nesse período, as celebrações ocorriam com grande participação popular, dobre de sinos e procissões (NASCIMENTO, 2006, p. 102). Os irmãos de São Miguel deveriam comparecer ao cemitério, munidos de tochas para assistirem às missas. A Igreja Católica, na tentativa de regular e controlar os atos religiosos, estabelecia regulamentos e criava portarias, remetendo-as a todas as irmandades da cidade, determinando, entre outras questões, que missas cantadas após o meio-dia aconteceriam apenas no Dia de Finados e com a presença do Mestre de Cerimônias e assistentes. Em 1868, a

⁴ ISMA, Livro I de Atas das sessões – 1775-1828. Compromisso da Irmandade do Arcanjo São Miguel e Almas, 1775.

Irmandade entendeu-se com a Igreja para que esta providenciasse padres, pois no ritual realizado no cemitério a confraria providenciou música, armação e uma imagem de São Miguel.

As manifestações devocionais em prol dos defuntos nem sempre eram bem vistas pelos leigos, inclusive por Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, que, enquanto provedor da Santa Casa em meados do XIX, criticava as procissões de Finados, descrevendo-as como escandalosas, desmoralizantes e dispendiosas.

O investimento pessoal e material para essa data, no entanto, continuou. Nas primeiras décadas do XX, a Irmandade São Miguel e Almas empenhou-se em preparar seu cemitério para receber os visitantes no Dia de Finados: pinturas, caiações, colocação de novas cruzes, estavam entre as reformas realizadas. O funcionário capelão realizava missas para as almas, os membros da mesa administrativa faziam discursos enaltecendo a Irmandade, sua importância para a cidade e seu compromisso com a fé cristã. Jornalistas se faziam presentes, registrando com textos e fotos a movimentação das pessoas, a comercialização de flores, os mausoléus grandiosos.

O Dia de Finados foi uma data importante para a Irmandade, no que se refere ao “culto” aos mortos e à intercessão pelas almas no cemitério de um modo geral. No século passado, essa data passou a ganhar maior dimensão e importância para a população, sendo que muitas famílias visitavam os túmulos dos seus mortos no cemitério para orar, colocar flores, limpar ou acompanhar as missas que eram realizadas no local⁵. O cemitério possuía essa dimensão do culto, da “oferenda”, da adoração, da súplica, da lembrança e da expressão da saudade. Como um local de expressão de sentimentos que recebia um grande número de visitantes, deveria ser preparado e embelezado.

O “EMBELEZAMENTO” DO CEMITÉRIO

A Irmandade sempre esteve preocupada em bem cuidar das atividades cemiteriais e dos mortos. Após a inauguração de seu cemitério em 1909, passou a dispensar toda sua atenção às práticas fúnebres, o que levou o irmão José Maria Granja a observar em 1910, num tom crítico, que Irmandade “só presta homenagens aos mortos”⁶.

⁵ Ornamentar o túmulo com flores, velas ou mesmo limpá-lo era um modo de dar uma “dimensão veritativa ao ausente”, de edificar memórias, de re-presentificar o finado, alimentando e eliminando, assim, a saudade. Ver CATROGA, 2010, p. 168.

⁶ ISMA, Ata, 12 setembro 1910, fl. 33.

Nas primeiras décadas do século XX, anualmente, entre setembro e outubro, iniciava-se a preparação para o recebimento de vários visitantes ao cemitério em novembro, realizando nestas ocasiões reformas, limpezas e consertos. Deixava-se o cemitério em bom estado para, muitas vezes – e aproveitando a movimentação intensa do Dia de Finados –, serem inauguradas novas catacumbas.

Com intenção de obter um “aspecto mais elegante e em conformidade com os requisitos para embelezamento”, em 1924, a associação previa a colocação de mosaicos nos alpendres, nos passeios entre o portão e a capela e a realização de reformas no frontispício da capela. Com o intuito de melhorar o aspecto cemiterial, foram contratados marmoristas não apenas para construir monumentos, mausoléus e executar reformas na capela, mas também para fazer “retoques” em algumas peças, dentro do cemitério – num local apropriado, aos fundos – “para evitar os inconvenientes de ter de mandá-las a oficina”⁷.

Com o significativo crescimento do cemitério – acompanhando o contexto do crescimento da cidade em si⁸ – o irmão Pires Júnior fazia referência “ao aumento e embelezamento que se está fazendo no novo cemitério, e considerando a atual capela insuficiente para comportar as pessoas que a frequentam por ocasião dos dias consagrados a comemoração dos finados, lembrava a ideia de se fazer uma ampliação na referida capela”⁹. Para consolidar sua ideia, propunha que cada irmão contribuísse financeiramente com “a quantia ao seu alcance e sem constrangimento”, de tal modo que fosse organizada uma lista para “percorrer as casas dos irmãos julgados em condições de contribuir”.

A capela existente até 1925 tornava-se pequena demais para acomodar e receber o grande número de visitantes que homenageavam seus mortos. Em janeiro de 1926, o provedor, Pires Júnior, ao tratar do projeto de aumento da capela do novo cemitério, destacou que a planta apresentada não satisfazia às exigências de embelezamento requeridas, de tal modo que se mandou fazer outra. Nessa ocasião, ficou resolvido “se dar princípio aos trabalhos com brevidade, de forma que a capela esteja pronta antes do dia 02 de novembro”. Os gastos previstos

⁷ ISMA, Ata, 05 julho 1924, fl. 113, Ata, 29 maio 1925, fl. 119.

⁸ Entre 1910 e 1940, a cidade de Porto Alegre registrou grande crescimento demográfico, passando de 130 mil habitantes para mais de 273 mil. Neste período, houve uma “aceleração do processo de expansão comercial, industrial e financeira”, sendo que os novos grupos dominantes estavam ligados a estes setores. Foi nesta época que se registrou “uma notável expansão da estatuária em Porto Alegre”. BELLOMO, 2008, p.24-26.

⁹ ISMA, Ata, 17 setembro 1925, fl. 121.

com estas obras eram elevados e havia morosidade nas reformas. Em 1927, não havia sido concluída a completa substituição das lajes por mosaicos, reforma há muito “imprescindível”¹⁰.

Referindo-se aos esforços dos confrades para edificar catacumbas atrás da Igreja Matriz no início do século XIX, o escrivão Eduardo Duarte, em seu discurso no cemitério no Dia de Finados do ano de 1931, enaltecia a instituição ao dizer: “obra que se transformaria um dia nessa grandiosidade que ai vedes”, fruto do “crescente progresso da Irmandade”, que permitiu a edificação em “modernas obras dignas [...] do constante envolver da nossa ridente cidade”. As obras e reformas realizadas trariam “um suave conforto em entregar os seus mortos queridos à guarda do cemitério de São Miguel e Almas”¹¹ e marcariam “época no perpassar das gerações”.

Vale lembrar que no início dos anos 1940, havia um intenso tráfego de “romarias à necrópole nos primeiros dias de novembro” (PIMENTEL, 1945, p. 507), o que levou o poder público a dispender avultadas despesas com a pavimentação da via pública que levava à colina dos cemitérios. Enquanto isto, a ISMA também se esmerava em reformas, afinal era a visibilidade do cemitério que estava em jogo. Em 1943 realizou, especialmente para o Dia de Finados, pinturas a óleo nas grades de ferro e em toda frente, colocação de portões, pintura externa da capela, pintura da garagem dos carros e caiação no cemitério. Também renovou dois carros de ferro, regadores e 100 cruzes de ferro. Recuperou, ainda, fardamentos e calçados para os funcionários do cemitério¹². O Dia de Finados passava a ser uma das datas mais importantes para a Irmandade, que construía para si uma imagem de ordem e organização.

Dadas estas reformas realizadas, no Finados do ano de 1945 a administração não precisou mandar executar pinturas internas no cemitério, “não somente pelo bom aspecto que se verificava na ocasião, como pelas obras que nele estão sendo executadas”¹³. Os registros que dispomos dão conta de indicar as medidas de ordem prática realizados no cemitério para o dia 02 de novembro, como o seguinte, de 1946:

Para melhor atender as necessidades e boa ordem nos dias de finados e todos os santos outras providencias foram tomadas, encomendando à firma Albino Hackmann, 20 regadores de ferro galvanizados e pintados e mais 10 latas para lixo, também de ferro galvanizado, à firma Steigleder, pagamos 12 escadas de

¹⁰ ISMA, Ata, 30 janeiro 1926, fl. 122v, Ata, 01 setembro 1927, fl. 130.

¹¹ ISMA, Ata, 29 janeiro 1932, fl. 164, Ata, 29 janeiro 1932, fl. 164.

¹² ISMA, Ata, 26 novembro 1943, fl. 27v – 29.

¹³ ISMA, Ata, 15 fevereiro 1946, fl.37v. E registrou que as “comemorações e homenagens aos mortos foram realizadas de acordo com o nosso compromisso”.

abrir, e à firma Hélio J. Mello, pagamos por 15 bancos de cimento armado que foram distribuídos por diversas alas. Com todas estas providencias tomadas, as comemorações realizaram-se dentro da melhor boa ordem e a contento de todos os que lá foram naqueles dias para homenagearem seus mortos¹⁴.

A “boa ordem” das comemorações dependia de condições estruturais adequadas para receber um grande público que não visitava o cemitério somente no Dia de Finados, mas também no dia 1º de novembro, para comemorar “todos os santos”. Regadores, latas de lixo, escadas de abrir e bancos eram necessários para receber a população que, para homenagear seus mortos ou seus santos, trazia flores, limpava os túmulos, cansavam e descansavam entre as galerias, no interior do grande cemitério.

As reformas realizadas no cemitério foram no sentido de promover, tanto o “embelezamento” do local, como de melhor acomodar a população visitante e os irmãos. Além disso, demonstrar organização e eficiência era muito importante para a Irmandade, que passava a ser cada vez mais associada ao cemitério, percebido como um local moderno, adequado e distinto de culto e preservação da memória dos mortos. Analisando essa relação entre cemitério/mortos e memória, o historiador português Fernando Catroga assim definiu memória:

um conjunto de recordações e de imagens comumente associadas a representações, as quais conotam valores e normas de comportamento construídas ou “inventadas” a partir do presente e de acordo com a lógica do “princípio da realidade”, sem que isso implique, no entanto, que a memória seja espelho ou transparência da realidade-passado (CATROGA, 2002, p. 16).

RITOS E SOLENIDADES NO CEMITÉRIO

O Dia de Finados é “data simbólica para o afloramento de sensibilidades inerentes ao fenômeno físico da morte” (RIBEIRO, 2008, p. 210) e, sendo um dia típico do calendário cristão de “comemoração de todos os fiéis defuntos”, é certo que eram celebradas missas “por modo de sufrágio”, para “apressar a redenção final dessas almas” (CHAHON, 2001, p. 210).

Nestes dias dedicados aos mortos, no cemitério São Miguel e Almas, além dos muitos visitantes, promoviam-se missas, celebrações e discursos cerimoniais. O cemitério, assim,

¹⁴ ISMA, Ata, 27 dezembro 1946, fl. 41.

ganhava uma dimensão de sociabilidade (MOTTA, 2009, p. 80), por se constituir em espaço onde a coletividade compartilhava momentos de devoção, cultos e rituais relativos à morte, onde não apenas se assegurava um bom lugar para o morto no além, mas, também, de um lugar na terra, mantido sob os cuidados das famílias, da Irmandade e do Arcebispo.

Organizavam-se ritos, esperando-se dos visitantes – geralmente, familiares – manifestações que expressavam lamento, pesar e fé durante o dia destinado à lembrança dos mortos. Se na Bahia, as visitas aos túmulos eram feitas sem a presença eclesiástica, como destacou Ribeiro (2008, p. 211), para o mesmo período aqui analisado, a visita ao cemitério no Dia de Finados, no São Miguel e Almas de Porto Alegre, era acompanhada por momentos litúrgicos com participação eclesiástica. Dirigir preces à salvação dos defuntos num ritual religioso coletivo e público conferia a dimensão sagrada de culto e reverência aos mortos, mesmo que as homenagens – nos túmulos – fossem momentos mais restritos ao âmbito familiar.

Havia o consenso de que era necessário benzer o cemitério, as galerias e os túmulos de um modo geral, unificando os indivíduos e os irmãos a seguirem e acompanharem o responso. Vale lembrar que a realização de missas e as bênçãos nos túmulos, assim como as festas religiosas, possuem a capacidade de serem distintas do espaço e do tempo cotidianos, pois como apontado por Catroga (2002, p. 18), as liturgias no cemitério são realizadas num espaço-tempo específicos (cemitério, dia 02 de novembro). O espaço do cemitério torna-se o espaço do sagrado e o tempo passa a ser também sagrado por meio dos ritos. Mircea Eliade (2010 [1957], p. 84) advertiu que o tempo sagrado é reversível, *reatualização* de um evento de um passado mítico, que está “nos primórdios”. Participar então dos ritos promovidos no cemitério no Dia de Finados, era como participar de uma festa religiosa, onde existe “a saída da duração temporal ‘ordinária’ e a reintegração no Tempo mítico reatualizado”.

Em outubro de 1916, ao planejar o Dia de Finados, que naquela ocasião foi chamado de “homenagem aos mortos”, “festa no cemitério” e “comemoração aos irmãos falecidos”, a Irmandade resolveu convidar o Arcebispo a participar. Com a intenção de revestir a ocasião com a “maior solenidade”, a participação do Arcebispo era importante para se efetuar “as missas e o *libera-me*”¹⁵. Essa sacralização do Dia de Finados sempre ocorria, pois era ocasião em que um capelão era contratado para celebrar missas e benzer o cemitério. Mas a participação do

¹⁵ ISMA, Ata, 13 outubro 1916, fl.9v. O *libera-me* era uma liturgia fúnebre da Igreja, um responsório – canto litúrgico – que constitui parte de um Ofício de Defuntos, utilizados e cantados nas encomendações, nos funerais, nas inumações, nas procissões, nas absolvições. PAULA, 2006, p. 96.

Arcebispo era um meio de evitar problemas com a Igreja, visto até como necessário pelos irmãos de São Miguel, “a fim de não se dar o que se deu no ano anterior” – provavelmente um desentendimento – e de promover maior visibilidade e sacralidade às comemorações.

Além da presença do Arcebispo para santificar e conferir um tom solene aos rituais religiosos realizados no cemitério, os irmãos organizavam discursos a serem realizados, como parte do calendário cerimonial, necessário à afirmação da religiosidade e da fé, de reforço às comemorações aos defuntos e de promoção às atividades religiosas da Irmandade. Os ritos cerimoniais promovidos com todas as “solenidades” no Dia de Finados demonstravam que, assim como no Uruguai durante o mesmo período (BARRAN, 1991, p. 197), a morte estava vinculada à pompa, à seriedade, ao respeito e ao medo. Os ritos funerários, como as missas e bênçãos do Arcebispo funcionavam ainda como um guia do defunto ao *post-mortem* (CATROGA, 2010, p. 165).

Além dos ritos solenes, como as missas e as bênçãos, os discursos eram proferidos no cemitério, carregados de sensibilidade. Para ilustrar, apresentamos o discurso que o escrivão Eduardo Duarte fez em 1931, por ocasião das cerimônias fúnebres do Dia de Finados e da inauguração de uma nova galeria de catacumbas. Transcrito em ata em 1932, para que constasse nos “anais da Irmandade” e servisse de modelo para as mesas administrativas futuras, o discurso apresenta um nítido tom elogioso da atuação da associação, como veremos a seguir¹⁶.

O discurso é longo e não se pretende transcrevê-lo aqui na íntegra, mas vale assinalar alguns pontos que reforçam o argumento de que a Irmandade planejava o Dia de Finados a partir de sua sensibilidade e seu referencial religioso. Realizando um breve histórico da atuação da Irmandade em Porto Alegre, o escrivão Eduardo Duarte, dizia que a Irmandade “vai cumprindo o seu piedoso destino” desde sua fundação, de onde “se impôs [...] a obrigação que lhe vinha do sentimento religioso”, a qual previa “assistir seus irmãos enfermos, suavizar-lhes a dor nos momentos extremos, acompanhá-los à morada eterna, dando-lhes sepultura cristã”. Para Eduardo Duarte, o que se fez “é o que estamos fazendo hoje”, seguindo o longo caminho e acreditando na continuidade para “aqueles que nos sucederem”¹⁷.

¹⁶ A promoção do cemitério através de discursos no Dia de Finados era um meio de divulgar e atrair os mais afortunados. A exibição da grandiosidade e do luxo do cemitério servia como uma boa referência às elites quanto a um ideal gerenciamento da morte e a apropriados túmulos e jazigos para a preservação da memória e identidade familiar. Ver MOTTA, 2009, p. 75.

¹⁷ ISMA, Ata, 29 janeiro 1932, fl. 163v.

Aos que estavam no cemitério na homenagem aos mortos podiam assistir “neste silencioso recanto da cidade à tocante cerimônia da benção das novas catacumbas (...) para repouso eterno dos seus associados”. E havia espaço, ainda, para manifestação de sentimentos religiosos:

E, como eu, vejo que também todos vós sentis dentro d’alma alguma cousa que a palavra articulada não sabe explicar; o silêncio desta suave mansão dos mortos, a brancura dessas lápides, o mistério insondável da cruz, dessa cruz de braços grandes, misericordiosamente grande em que expirou pela redenção da humanidade o meigo rabino da Galiléia, tudo isso desperta em nós um misto de comoção e recolhimento que sentimos e não sabemos explicar¹⁸.

Ao destacar a crucificação salvacionista de Cristo, o escrivão estimulava nos presentes a reflexão sobre a morte como uma das etapas da vida, como algo esperado, previsto e certo, cujo fim estaria no cemitério, local de igualdade, de descanso, de repouso, a “suave mansão dos mortos”. Nas palavras do escrivão:

Nascer, evoluir, morrer, as três etapas da vida. E no final do ciclo é aqui, onde tudo se iguala e irmana-se diante da morte, que as peças constitutivas da ‘caveira bem vestida’ se desarticulam e se consomem pela ação destruidora do tempo e dos vermes – é aqui o lugar onde encontramos o verdadeiro repouso dos dias terrenos.

O discurso foi concluído com a passagem bíblica que lembra a fragilidade humana frente à morte: “Homem, que és pó e ao pó voltarás”¹⁹. A finalização do discurso sugeria a necessidade de recolhimento, de espiritualidade, para tornar possível o afloramento dos sentimentos saudosos em relação aos mortos e a prestação de homenagens.

Meus irmãos. Façamos silêncio por um momento; recolhamos o nosso espírito, aliciando-o das exterioridades da vida; volvamos o olhar para além, para o desconhecido, para o mistério do insondável desconhecido, onde os sentidos materiais não penetram; pelos que tão caros nos foram na vida, deixando-nos

¹⁸ Idem.

¹⁹ O Papa Bento XVI, em pronunciamento feito no dia 17 de fevereiro de 2010, refletiu sobre esta passagem da Bíblia, posicionando-se sobre o significado da morte na contemporaneidade. O Papa defendeu a liturgia quaresmal “frente ao medo inato do fim, e ainda mais no contexto de uma cultura que, de diversos modos, tende a censurar a realidade e a experiência humana de morrer” e o “viver na novidade inesperada que a fé cristã irradia na realidade da própria morte”. Disponível em: <http://apostoladobrasileiro.com/ga/sj/2010/05/catequese-do-papa-levar-a-conversao-a-serio/>. Acessado em 22.06.2011.

imersos num mar de funda saudade; pelos nossos mortos, pelos nossos irmãos – o nosso pensamento admirativo, o nosso respeito, a nossa homenagem²⁰.

Essa passagem demonstra bem a permanência de tradicionais atitudes cristãs diante da morte. O texto poético e a frase “façamos silêncio por um momento” são indicativos de uma sensibilidade expressa na necessidade de aproximar-se dos mortos e do mistério da morte, procurando entendê-los religiosamente. Embora, na segunda metade do século XX a morte alcance um estágio de tabu, na medida em que sobre ela se deve silenciar e dos cemitérios se deve distanciar, pelo terror que provocam (ARIÈS, 2003, p. 156; CYMBALISTA, 2002, p. 25), a ideia de silêncio aqui destacada estava carregada do sentido de aproximação, entendimento, contato entre dois mundos e expressão de sentimentos. A morte, no discurso do escritor, era um além desconhecido e, aos vivos, restava o “mar de funda saudade”, admiração e a homenagem.

Cabe destacar que estas celebrações no Dia de Finados, realizadas no cemitério, tanto com as missas, quanto com os discursos cerimoniais, levam a crer que, concordando com a afirmação de Fernando Catroga, “recordar os finados possibilita a instituição e o reconhecimento de identidades, bem como o delineamento de esperanças escatológicas [...] oferecendo-se ao evocador uma história com um “passado” e um “futuro”, num encadeamento contínuo de gerações que [...] ultrapassa o tempo da existência individual”. Logo, o culto aos mortos, cujo rito é a visita ao cemitério, apesar de

implicar a repetição, recordar e, sobretudo, comemorar, será sempre teatralizar uma prática de reescrita da(s) história(s); será, em síntese, praticar coletivamente uma recordação que veicula mensagens para um tempo fictício tecido pelo *diálogo* entre o presente-passado e o presente-futuro (CATROGA, 2010, p. 179).

Os ritos realizados no cemitério no Dia de Finados, tais como as missas, as bênçãos dos túmulos e das novas catacumbas, os responsos, a sacralização do local e do culto aos mortos, os discursos realizados, as solenidades enfim, materializavam a sensibilidade religiosa em torno da morte. E estas expressões de sentimentos de saudade, de culto e de comemoração apareciam também nos jornais.

FINADOS E IMPRENSA

²⁰ ISMA, Ata, 29 janeiro 1932, fl. 163v.

A Irmandade buscava realizar as comemorações e homenagens aos mortos sempre com a maior presença possível de irmãos no cemitério, observando as determinações do compromisso. Por isso, publicava sempre os convites nos principais jornais de Porto Alegre, como *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, divulgando horários de abertura e fechamento e de solenidades como missas em intenção das almas dos irmãos falecidos e responsos²¹. Os jornais e as revistas, além de registrar a movimentação nas ruas da cidade no Dia de Finados, caracterizadas como manifestações “religiosas”, divulgavam imagens que confirmam a importância que esse dia tinha para a população porto-alegrense da época.

A *Revista do Globo*, de 17 de novembro de 1934, trouxe uma página inteira com imagens da movimentação social no Dia de Finados. O historiador Cláudio de Sá Júnior, analisando as imagens da *Revista* destacou:

Duas semanas após o dia dedicado à lembrança dos mortos, imagens da cidade e da população que participou do rito religioso ganharam as páginas do periódico porto-alegrense. Foi uma série de fotografias que ocupou a página inteira e que tinha como título *Religião*, escrito sobre uma das fotografias que trazia a imagem do cemitério (SÁ JÚNIOR, 2009, p. 89).

Abaixo das fotografias, constava o seguinte texto: “Em cima, flagrantes do Dia de Finados, em que a população de Porto Alegre dirigiu-se, piedosa, para o Cemitério, para levar a seus mortos queridos uma flor e uma saudade. Embaixo, Cristo Rei passeando em procissão pelas ruas da capital”.

A legenda das imagens divulgadas pela *Revista* confirma, em primeiro lugar, que havia certa tradição no deslocamento para o cemitério nos dias dedicados aos mortos e, em segundo lugar, que essa ida ao cemitério era carregada de sentimentos de piedade e saudade. No dia 1º de novembro de 1942, encontramos a seguinte notícia nos jornais *Correio do Povo* e *Diário de Notícias*, cujos recortes de jornais encontram-se no Arquivo da Irmandade:

Irmandade do Arcanjo São Miguel e Almas

²¹ Cabe aqui uma ressalva quanto à utilização, neste artigo, das publicações dos jornais da cidade. Os anúncios, reportagens e publicações destes jornais estão recortados e arquivados na própria Irmandade, ou seja, eles fazem parte do acervo da instituição, presentes em um livro específico, o qual intitulei “Livro de Recortes de Jornais”. Portanto, ao citar as passagens publicadas não foi possível especificar a página em que tal publicação se encontra, mas sim, apenas o nome do periódico e a data.

Convite

De ordem do Sr. Provedor, convido os irmãos oficiais, mesários e jubilados, suas exmas. Famílias e o público em geral, para assistirem no dia 2 do corrente (Finados), na Capela do Cemitério desta Irmandade, a missa que será celebrada às 9 horas, em intenção das almas dos irmãos falecidos.

Após a missa, serão rezados responsos, no novo e antigo Cemitério desta irmandade e também no Campo Santo da Santa Casa.

Manoel Carriconde, escrivão

A divulgação nos jornais contribuía para o intenso e elevado número de visitas ao cemitério no Dia de Finados, que dias depois eram divulgadas pelos jornalistas através da imprensa. E é através da imprensa que se percebe que este dia, de uma prática privada, familiar e carregada de pesar – sem perder estas características – ganhava uma acentuação da sua dimensão pública, focalizada pelos jornais da cidade quase que com um caráter comemorativo, festivo.

No país vizinho, o Uruguai, os periódicos de 1901 registravam a movimentação dos cemitérios “el día de los difuntos”, fazendo adjetivações ao local como expressivos para “los instintos sensuales, los aturdimientos, las insolencias de la calle, de la plaza, del conventillo”. Baseados nestas fontes, o historiador José Pedro Barran registrou que os cemitérios pareciam romarias, estando as ruas concorridíssimas para render homenagens aos defuntos, onde os passantes conversavam, riam e brindavam. Marchas fúnebres eram tocadas por bandas de música que, se não alegravam, animavam e os jornais se encarregavam de publicar crônicas sobre as tumbas melhor adornadas (BARRAN, 1991, p. 198). Nos documentos consultados na Irmandade São Miguel e Almas não há referência explícita a estes tipos de manifestações sociais no cemitério, o que, contudo, não significa que de fato não existissem.

O fato é que, no Uruguai, desde 1886, a Direção dos Cemitérios de Montevideú, proibiu a colocação de barracas – em frente aos cemitérios – que comercializavam bebidas e comidas, para evitar “romerías indignas” (BARRAN, 1991, p. 198) que mais pareciam espetáculos profanos. O mesmo pode ser observado na cidade Porto Alegre, durante o mesmo período. De acordo com a historiadora Mara Nascimento (2006, p. 316), que analisou as práticas fúnebres da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia no século XIX, o presidente da Província enviou ofícios à Irmandade, em 1873, destacando as “cenas impróprias de um povo cristão” e a presença de uma “multidão de quitandeiras e de botequineiros ambulantes”.

A venda de flores e velas sempre foi comum nos dias de Finados. Em 1954, o jornal *Correio do Povo* publicava uma nota sobre o Dia de Finados, anunciando que “com o objetivo de

fazer frente à especulação que costuma ocorrer na venda de flores quando se aproxima o dia de finados, o superintendente do Abastecimento Público, Sr. Ítalo Cortese, fará instalar este ano no entroncamento da Azenha, uma feira de flores naturais”.

Apesar do lapso temporal na comparação feita, há de se considerar que o comércio, a presença de ambulantes, a especulação, continuava sendo realizada e indica a movimentação intensa que ocorria nestes dias. Essa movimentação em torno do cemitério também foi registrada no Rio de Janeiro, no início do século XX, quando alguns dos principais jornais ocupavam-se com regularidade, “nesse dia e no dia seguinte, em descrever o enorme burburinho que por lá se instaurava [...] ressaltando o apuro da decoração, o cuidado e apreço de parentes e amigos para com os seus desaparecidos” (MOTTA, 2010, p. 70).

O dia 02 de novembro de 1954 parece ter sido de grande movimentação e mobilização popular em Porto Alegre. O jornal *Correio do Povo* anunciou, em sua edição do dia 04 de novembro, que “Milhares de pessoas visitaram os cemitérios da cidade nos dias 1 e 2”. Autoridades também se fizeram presentes, como o governador recém eleito, Ildo Meneghetti, que “acompanhou os responsos celebrados pela irmandade” e a “homenagem aos sacerdotes mortos”. Segundo o articulista, a capital registrou grande movimento no campo santo, “pois desde as primeiras horas da manhã dezenas e dezenas de milhares de pessoas se deslocaram para os vários cemitérios, para uma visita de saudade aos entes queridos que não mais estão entre nós”. A Irmandade, como pudemos constatar, já esperava um grande público de visitantes para este dia, fazendo publicar a comunicação do horário de funcionamento e das missas a serem celebradas para as almas, em três jornais da cidade: *Jornal do Dia*, *Correio do Povo* e *Estado do Rio Grande*. O teor do anúncio em 26 de outubro de 1954 era o seguinte:

A Provedoria da Irmandade do Arcanjo São Miguel e Almas, torna público e para conhecimento de todos os interessados, que os portões do Cemitério serão franqueados à visitação pública, durante as comemorações de finados, até às 21 horas dos dias 31/10, 1º e 2 (finados) de novembro. Comunica, outrossim, que mandará rezar duas missas em sufrágio dos irmãos falecidos, que serão celebradas na Capela ereta no Cemitério da Irmandade, no dia de Finados às 8 e 9 horas e após serão feitos os responsos no interior do mesmo Cemitério e nas galerias Santa Bárbara e São Miguel, localizadas no Cemitério da Santa Casa de Misericórdia.

Interessante destacar a permanência do cemitério aberto até a noite e as determinações de celebrações religiosas consideradas importantes, como as missas para os defuntos e os responsos

nas galerias do cemitério velho, designação dada ao espaço cemiterial que a Irmandade São Miguel e Almas possuía desde meados do século XIX no interior do cemitério da Santa Casa.

No ano de 1954, as missas e os responsos de Finados foram celebrados pelo monsenhor João Maria Balém, arcediogo – vigário encarregado de auxiliar o Arcebispo na administração do Arcebispado de Porto Alegre –, que foi acompanhado pelo coral da Pia Instituição Pedro Chaves Barcelos com os cânticos sacros. O governador eleito, Ildo Meneghetti, era irmão jubilado da Irmandade São Miguel e Almas e, além de assistir as solenidades, envergando a opa verde da associação, ladeado pelo provedor e pelos membros da Mesa Administrativa, acompanhou os atos externos de responso celebrados em vários pontos do cemitério.

O ar de festa e de comemoração na rememoração dos antepassados era uma característica do dia 02 de novembro, quando o cemitério recebia “milhares” de pessoas que vinham visitar os túmulos de seus familiares e amigos mortos, ou de ilustres ou ainda de devoções populares. O burburinho do cemitério cheio, as solenidades, as missas, a presença dos vendedores ambulantes, dos jornalistas, os túmulos enfeitados marcavam o dia de homenagens aos mortos, tanto religioso quanto leigo e tanto sagrado quanto profano (FREITAS, 2006, p. 77). Além das famílias e devotos, havia, geralmente, visitas promovidas

por companheiros de profissão ou de associações culturais e políticas, que davam à lembrança dos mortos uma função social. Esses grupos evocadores conferiram um caráter de comemoração escatológica e profana à memória dos seus mortos mais representativos (RIBEIRO, 2008, p. 223).

A imprensa encarregou-se da publicação de convites e de reportagens que destacavam o comércio, a movimentação, a presença de políticos e a visita de saudade com um tom comemorativo. É através destes convites e das reportagens que podemos reconstituir o significado que estas manifestações tinham para os membros da Irmandade de São Miguel e Almas.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

O Dia de Finados foi, sem dúvida, importante para a Irmandade São Miguel e Almas e seu cemitério e representava, socialmente, uma visita de saudade aos mortos. A preocupação em zelar pelo cemitério, que era especialmente preparado para este dia, reforça a ideia de que a instituição

representava-se como portadora de uma eficaz capacidade de cuidar dos mortos, tanto no aspecto da materialidade quanto no da religiosidade.

A dimensão e significado do Dia de Finados como momento de culto aos mortos nas primeiras décadas do século XX ainda conservam muitas das suas características na atualidade, não apenas em Porto Alegre. Ao analisar o ritual de finados em Recife, no final do século XX e início do século XXI, Reesink destacou: “rituais mais marcantes desse período são as missas, as idas ao cemitério no intuito de visitar os túmulos e a festa dos mortos: o dia de Finados” (REESINK, 2010, p. 171).

A documentação que analisamos revela que, durante a primeira metade do século XX, houve planejamento e organização das “homenagens aos mortos” prestadas no cemitério. As decisões administrativas de realizar reformas e obras de “embelezamento” do cemitério, de officiar missas e resposos na capela, de publicar convites nos jornais, de inaugurar galerias e promover discursos elogiosos sobre as atividades fúnebres da Irmandade apontam para isto. Ou em outras palavras: as reformas e as limpezas ligadas a boa ordem e ao embelezamento eram demonstrações de compromisso com as famílias e com a memória dos mortos; as solenidades conduzidas pela Irmandade, como as missas, bênçãos e discursos representavam a preocupação espiritual e evidenciavam a sensibilidade religiosa; e as divulgações na imprensa, em revistas e jornais, tanto aquelas que partiam dos irmãos quanto aquelas opinativas e informativas dos jornalistas, revelam a intensa movimentação do cemitério, que por sua vez estava ligada aos significados simbólicos atribuídos ao cemitério: o local dos mortos, dos túmulos que deviam ser cultuados, lembrados e adorados.

REFERÊNCIAS

ARIES, Philippe. *História da morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

BARRAN, José Pedro. *Historia de La sensibilidad en el Uruguay*. Tomo I. La Cultura “Barbara” (1800-1860). Montevideu: Ed. La Banda Oriental, 1991.

BARROS, José D’Assunção. Imaginário, Mentalidades e Psico-História – uma discussão historiográfica. *Labirinto, Revista Eletrônica do Centro de Estudos do Imaginário*, Rondônia, v.7, 2005, Disponível em: <http://www.cei.unir.br/artigo71.html>. Acessado em 23.06.2011.

BELLOMO, Harry. A produção da estatuária funerária no Rio Grande do Sul. In: _____. (org.). *Cemitérios do Rio Grande do Sul: Arte, sociedade, ideologia*. Porto Alegre: EdIPUC, 2008.

CAMPOS, Adalgisa. A portada da Capela de São Miguel e a veneração às almas do purgatório, Vila Rica – Brasil (século XVIII). Barrocos y Modernos. *Ververt. Iberoamericana*, 1998.

CATROGA, Fernando. O culto dos mortos como uma poética da ausência. *ArtCultura*, Uberlândia, v.12, n.20, p.163-182, jan.-jun. 2010.

_____. Recordar e comemorar. A raiz tanatológica dos ritos comemorativos. *Mimesis*. Bauru, v. 23, n. 2, p. 13-47, 2002.

CHAHON, Sérgio. *Os convidados para a ceia do senhor: as missas e a vivência leiga do catolicismo na cidade do Rio de Janeiro e arredores (1750-1820)*. Tese (Doutorado em História), São Paulo, USP, 2001.

CYMBALISTA, Renato. *Cidades dos vivos: Arquitetura e atitudes perante a morte nos cemitérios do estado de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2002.

DELUMEAU, Jean. *História do medo no Ocidente 1300-1800: uma cidade sitiada*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. A essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FREITAS, Eliane Tânia Martins. *Memória, ritos funerários e canonizações populares em dois cemitérios no Rio Grande do Norte*. Tese (Doutorado em Antropologia Cultural), Rio de Janeiro, UFRJ, 2006.

JÚNIOR, Cláudio de Sá. *Imagens da sociedade porto-alegrense. Vida pública e comportamento nas fotografias da Revista do Globo (década de 1930)*. São Leopoldo: Oikos, 2009.

LE GOFF, Jacques. *O Nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 1993.

MOTTA, Antonio. Formas tumulares e processos sociais nos cemitérios brasileiros. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 24, n.71, out. 2009.

MOTTA, Antonio. Estilos mortuários e modos de sociabilidade em cemitério brasileiros oitocentistas. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 16, n.33, p.55-80, jan./jun. 2010.

NASCIMENTO, Mara Regina do. *Irmandades leigas em Porto Alegre: Práticas funerárias e experiência urbana. Séculos XVIII-XIX*. Tese (Doutorado em História), Porto Alegre, UFRGS, 2006.

PAULA, Rodrigo Teodoro. *Música e representação nas cerimônias de Morte em Minas Gerais (1750-1827)*. *Reflexões para o estudo da memória sonora na festa*. Dissertação (Mestrado em Música), Belo Horizonte, UFMG, 2006.

PIMENTEL, Fortunato. *Aspectos Gerais de Porto Alegre*. Volume 1 e 2. Porto Alegre: Imprensa Oficial, 1945.

REESINK, Mísia. Reflexividade nativa: quando a crença dialoga com a dúvida no período de finados. *Mana*, 16(1): 151-177, 2010.

REIS, João José. *A morte é uma festa: Ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

RIBEIRO, André Luiz Rosa. *Urbanização, poder e práticas relativas à morte no sul da Bahia, 1880-1950*. Tese (Doutorado em História), Salvador, UFBA, 2008.

ROCHA, Maria Aparecida. *Transformações nas práticas de enterramento: Cuiabá, 1850-1889*. Cuiabá: Central do Texto, 2005.

RODRIGUES, Cláudia. *Nas fronteiras do Além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

SCHMITT, Jean-Claude. *Os vivos e os mortos na sociedade medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

TAVARES, Mauro Dillmann. *Irmandades, Igreja e devoção no sul do Império do Brasil*. São Leopoldo: Oikos/Unisinos, 2008.

ZIERER, Adriana. Paraíso versus Inferno: a Visão de Túndalo e a Viagem Medieval em Busca da Salvação da Alma (séc. XII). *Revista Mirabilia 2, Revista de História Antiga e Medieval*, São Paulo/Frankfurt/Barcelona, v.2, p.137-162, 2003.